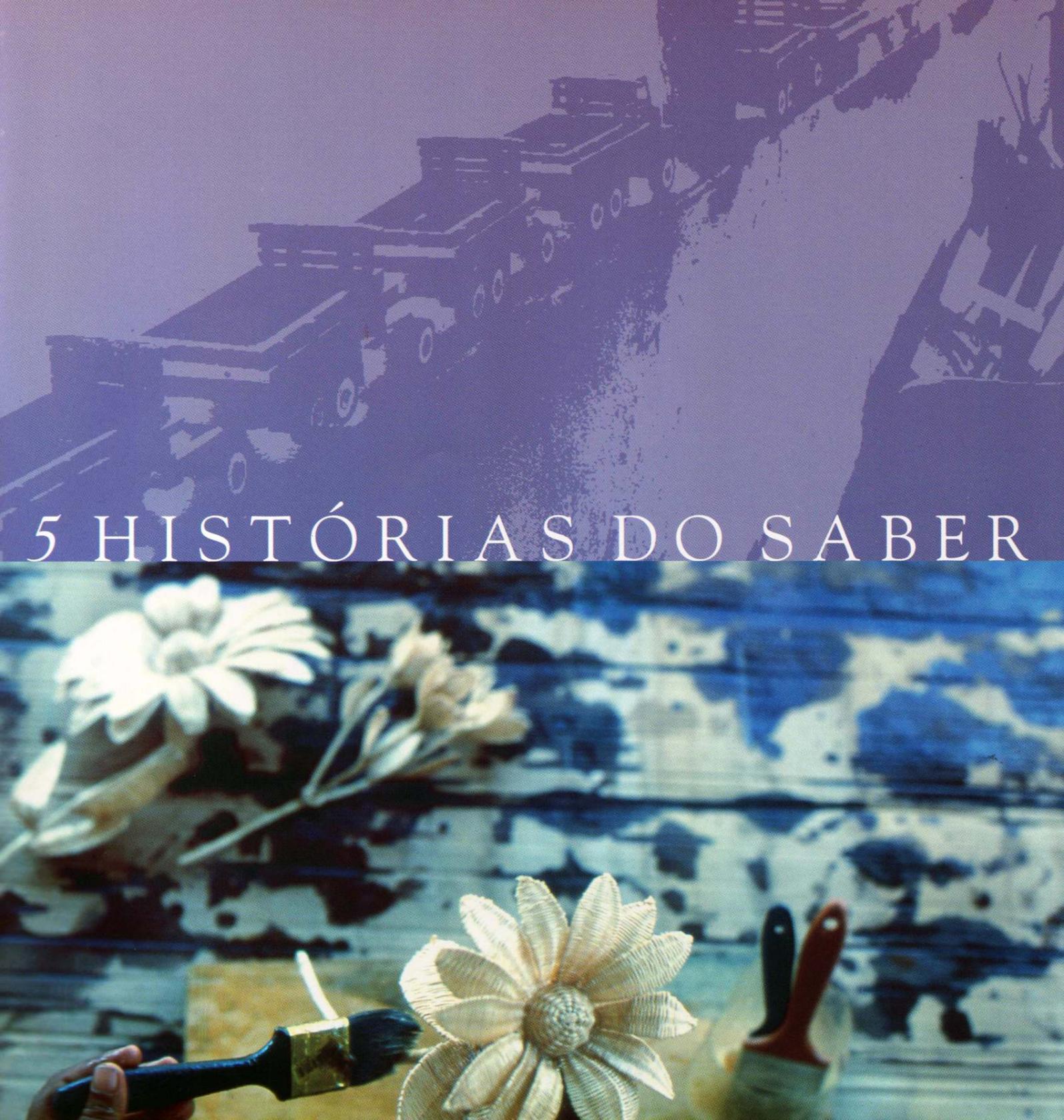


5 HISTÓRIAS DO SABER

PROGRAMA ARTESANATO SOLIDÁRIO · SEBRAE/PB





5 HISTÓRIAS DO SABER

COMUNITAS: PARCERIAS PARA O DESENVOLVIMENTO SOLIDÁRIO

Presidente
Ruth Cardoso

Superintendente-executiva
Thereza Lobo

PROGRAMA ARTESANATO SOLIDÁRIO

Coordenadora
Helena Sampaio

Núcleo de gestão e planejamento
Adriana Pannunzio, Alan Guedes, Marcelo Marchesini (estagiário)

Núcleo de monitoramento
Fernando Augusto Gonçalves, Hilda Liberman,
Luciana Aguiar, Macao Goes, Silvia Sasaoka

Difusão e comunicação
Claudia Cavalcanti

Equipe de campo na Paraíba
Gerente regional
Guilherme Delgado Moreira

SEBRAE/PB

Presidente do Conselho Deliberativo Estadual
José Marconi Medeiros de Souza

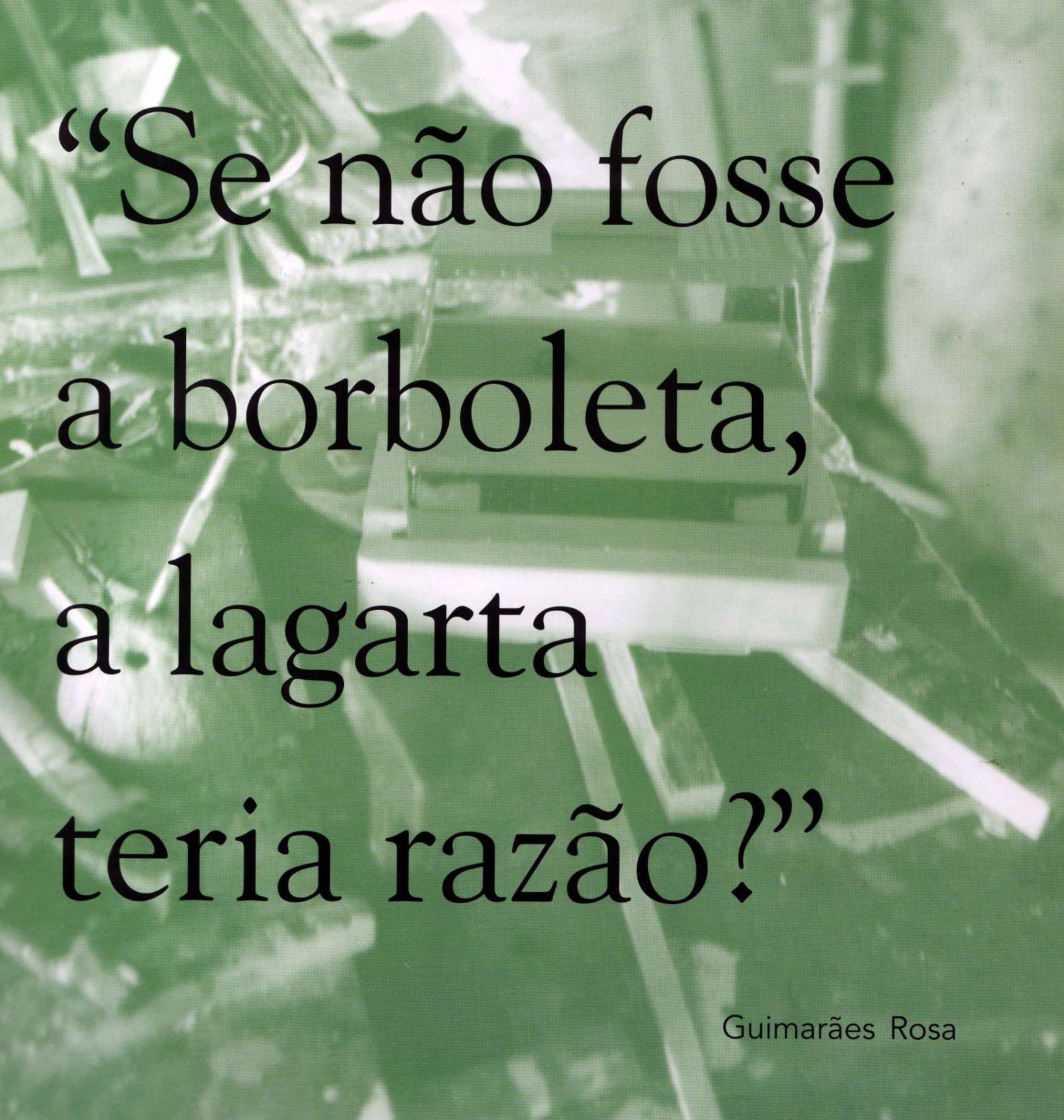
Diretor superintendente
Marcus Antônio Guedes Vasconcelos Fonseca

Diretor de operações
Pedro Aurélio Mendes Brito

Diretor de operações
Antônio Felinto Neto

Coordenador da célula setorial
Francisco Nunes de Almeida

Coordenadora do setor artesanal
Maria Luiza Duarte de Melo



“Se não fosse
a borboleta,
a lagarta
teria razão?”

Guimarães Rosa

As cinco histórias do saber deste livro destacam experiências de repasse do conhecimento entre pessoas de um lugar, ou melhor, de cinco: Alagoa Nova, Esperança, Pitimbu, Itabaiana e Salgado de São Félix, todos na Paraíba. Mas seria pouco, e mesmo incorreto, se essas histórias fossem tratadas apenas como de transmissão de uma técnica, na qual se envolvem mestres e aprendizes. Há, neste livro, muitas outras formas de aprendizado, nem sempre mensuráveis, às vezes até mesmo imperceptíveis ao olhar menos atento.

A solidariedade das mestras Socorro e Zefinha. Ao decidirem compartilhar com outras mulheres suas artes, respectivamente, de bonequeira e de tranceira com a fibra de coco, transmitiram a suas conterrâneas mais do que saberes e fazeres abriram juntas o caminho para a conquista da auto-estima e para a inclusão na cidadania.

A magia da construção do Mestre Joeude. Ao compartilhar seu saber-fazer caminhões a partir de materiais simples,

disponíveis no lugar, Joeude também resgatou dos homens adultos e jovens o mundo da imaginação e da liberdade.

Aprender a aprender também é uma outra lição das exímias bordadeiras Vivi e Maria Regina. Embora já mestras, seus gestos ensinaram que o aprimoramento do fazer deve ser constante.

Num segundo plano, de bastidores, o livro também traz histórias de trocas de conhecimento e de recursos entre duas organizações parceiras: O PROGRAMA ARTESANATO SOLIDÁRIO e O SEBRAE/PB. Juntos, nas experiências aqui relatadas, também tivemos nossa cota de aprendizados. O maior deles foi a certeza de que parceria é um bem valioso, que nos ajuda a atingir mais rapidamente nossos objetivos – a revitalização do artesanato de tradição para a geração de renda, articulando o tão almejado encontro entre cultura e mercado.

Neste livro celebramos encontros e, seguindo o exemplo dos mestres artesãos, O PROGRAMA ARTESANATO SOLIDÁRIO compartilha com O SEBRAE/PB o sucesso destas nossas histórias.

Helena Sampaio

Coordenadora do PROGRAMA ARTESANATO SOLIDÁRIO

É uma experiência muito agradável para o SEBRAE da Paraíba compartilhar com o PROGRAMA ARTESANATO SOLIDÁRIO algumas ações de apoio a manifestações do artesanato tradicional paraibano. A satisfação que nos tem propiciado essa experiência, que já dura dois anos, não deve ser medida apenas pelos resultados materiais que vem produzindo – e eles são admiráveis.

O melhor sentido das vitórias que temos experimentado em comum deriva da circunstância de que elas acontecem com as pessoas, e nos lugares para os quais as mesmas adquirem significação imensa. Talvez os números do programa não causem grande impressão, se desligados do contexto social e humano onde acontecem. Afinal, o nosso mundo é pródigo de grandes números, quase sempre despidos da humanidade que a massificação esteriliza.

Nesta nossa história, eles são diferentes. A produção e venda de 3.000 bonecas por mês, no recanto antes esquecido de Riacho Fundo, município de Esperança, é uma estatística fabulosa. Como o são os números da produção de caminhões de brinquedo de Itabaiana, do *filé* colorido de Salgado de São Félix, dos trançados de coqueiro de Pitimbu ou dos bordados de Alagoa Nova.

Alguém poderia pretender diminuir nossa alegria comum, dizendo que esses núcleos de artesanato comunitário são

pontos perdidos em meio ao vasto oceano de pobreza e desemprego. Não conseguiria. Em primeiro lugar, porque o talento criativo de nosso povo é tão difuso que até pensamos que a natureza assim quis para nos compensar pelas muitas privações que nos inflige. Nossos pequenos milagres são sementes férteis para a proliferação de muitos outros.

Em segundo, porque o artesanato ressurgiu como uma das forças econômicas do presente e mais ainda do futuro. Para o turista, a peça artesanal é a maneira mais feliz de perpetuar a memória dos lugares remotos que conheceu, e o turismo é a atividade que mais cresce no mundo. Para nós todos, a peça artesanal, seja a jóia, seja o utensílio, é o triunfo pessoal sobre a anônima indiferença do produto massificado, que a indústria genérica produz para todos, sem pertencer a ninguém. Havemos de pedir cada vez mais aos mágicos artesãos que nos ajudem a recuperar a identidade perdida, com as marcas e distinções de sua arte criadora.

Temos os melhores motivos para desejar, nesta nova etapa das nossas atividades, que esta parceria prossiga e se amplie ainda mais. Que nos seja possível repetir outras vezes as experiências vivificadoras que juntos fizemos acontecer, para assim disseminar por todo o território paraibano novos focos de resgate de nossa cultura popular, de doação social do talento criativo e de realização humana de nossa gente.

Marcus Guedes

Superintendente do SEBRAE/PB



ALAGOA NOVA



ESPERANÇA



ITABAIANA



PITIMBU



SALGADO DE SÃO FÉLIX



Eis o registro de um trabalho silencioso, sutil e cuidadoso que vem sendo desenvolvido nos núcleos de produção artesanal no Estado da Paraíba. Ele parte de um olhar aguçado que identifica mestres detentores de um conhecimento quase anônimo e que, muitas vezes, se confunde com costumes arraigados e aprendidos nos gestos do cotidiano. Capazes de se manter ao longo de gerações sem nunca terem sido registrados em livro, estes saberes resistem na memória e no fazer diário de alguns homens e mulheres que, apesar das adversidades, sentem um imenso prazer pelo que fazem.

Depositários de técnicas artesanais próprias de um lugar, que ao longo do tempo foram sendo esquecidas ou mesmo abandonadas, os mestres artesãos envolvidos nas ações dos projetos implementados pelo PROGRAMA ARTESANATO SOLIDÁRIO, em parceria com o SEBRAE/PB, em Alagoa Nova, Esperança, Itabaiana, Pitimbu e Salgado de São Félix são protagonistas de um processo de repasse do saber. Antes feito de maneira espontânea, esse repasse agora é planejado de forma criteriosa, para um número maior de aprendizes e

orientado por técnicos, detentores de outro tipo de conhecimento, complementar ao frutífero e criativo universo dos saberes populares.

Este trabalho tem como desafio despertar no mestre a certeza do valor de seu ofício e a importância dele ser compartilhado e ensinado não apenas para um discípulo, mas para vários, em um verdadeiro movimento de disseminação do conhecimento. O que motiva este processo não é apenas a generosidade de um mestre ou a vontade dos aprendizes; é sobretudo a certeza de que compartilhar saberes pode ser um poderoso instrumento de transformação da dura vida dessas pessoas do interior do País.

É um encontro consigo e com o outro, permeado pelo resgate da solidariedade e da tradição do fazer artesanal. Apostamos no início de uma revolução silenciosa capaz de fortalecer identidades, iniciar um processo de inclusão na cidadania e dar sustento às famílias. Neste quadro, bordados, trançados e brinquedos ganham novos contornos muito além de suas naturezas de objetos utilitários, decorativos ou lúdicos. Eles trazem as marcas de seus criadores.



Alagoa Nova Bordados

AGRICULTURA DE SUBSISTÊNCIA · 18.575 HABITANTES · ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO: 0,612

24 artesãs

entre 16 e 63 anos

120 pessoas beneficiadas
até $\frac{1}{2}$ salário mínimo de renda média familiar

Parceiros: SEBRAE/PB · Prefeitura Municipal de Alagoa Nova · Universidade Federal da Paraíba - NUPPO



BORDADOS DE ALAGOA NOVA



Mestra Suzete Galdino Silva

Nascida em Alagoa Nova, filha mais velha dos agricultores João Sebastião Nunes e Severina Galdino Nunes, Mestra Suzete estudou até a 4ª série do Ensino Fundamental. Depois disso não pôde prosseguir seus estudos porque tinha que percorrer a pé a longa distância entre o sítio onde morava e a escola. Hoje casada, dona-de-casa e mãe de um único filho, mora com o marido no município vizinho de Alagoa Seca. Ainda muito jovem, há mais de 15 anos, aprendeu a bordar a mão, no Centro de Artesanato de Alagoa Nova, tendo como mestra Rosa Maria Barbosa, coordenadora do Centro e grande parceira do Projeto. Foi justamente Rosa quem a indicou para que se tornasse a mestra do Projeto, pelo domínio e destreza técnica que possui. O dinheiro com o bordado contribuiu para realizar o sonho familiar da casa própria.

“Graças ao Projeto aprendi a riscar os tecidos, organizar bainhas e combinar melhor as cores.

Antes, eu só fazia folha verde, mas hoje eu sei que a cor da folha depende da cor do tecido que será bordado.”

“O momento mais difícil do Projeto foi, no início, a enorme responsabilidade sobre as peças de tecido e sobre as linhas.

Controlar para que não tivesse desperdício era o que mais me aperreava.”

Serras que se alternam, pequenos sítios cultivados, ipês amarelos e roxos florescendo no verão, cercas recobertas de trepadeiras e espirradeiras coloridas – esta a paisagem que prenuncia a chegada em Alagoa Nova, como um convite para conhecer um lugar diferenciado pelo dinamismo de seu povo.

Encravada na Serra da Borborema, em pleno brejo paraibano, Alagoa Nova tem uma temperatura amena, típica das cidades serranas do Nordeste, pois fica 530 metros acima do nível do mar. Com 333,7 km² de área, possui topografia com fortes ondulações e terrenos montanhosos, onde se cultivam frutas e hortaliças.

O município foi criado em 10 de novembro de 1904, quando se desmembrou definitivamente de Campina Grande,

mas a emancipação política ainda hoje é comemorada no dia 5 de setembro, data de criação da vila. Para 2004 a cidade já começa a comemorar seu primeiro centenário, preparando-se para os festejos.

Antigos engenhos espalhados pelo município deixaram fortes marcas na cultura local, pois lá, assim como no município vizinho, Alagoa Grande, são produzidas cachaças de alta qualidade, famosas em toda a região, apesar do tímido esforço comercial.

AS PESSOAS

A população de Alagoa Nova apresenta características bastante peculiares, sobretudo no que se refere à valorização de seus elementos culturais e educacionais.





Com 18.575 habitantes, 55% da população reside na área rural, o que demonstra certo equilíbrio demográfico quanto às atividades econômicas e se estende à questão do gênero, com a população feminina representando 51%. O transporte mais utilizado no município são as conhecidas Veraneios. Existe até uma Associação de Motoristas Alternativos que organiza o tráfego dos quase 80 carros que transportam diariamente centenas de pessoas no trajeto Alagoa Nova-zona rural-Campina Grande.

É visível a preocupação dos pais e mães em colocarem e manterem seus filhos na escola. Dentre os cinco municípios que integram este livro, Alagoa Nova é o que ostenta a melhor taxa bruta de frequência escolar, de 78%, além de uma taxa de alfabetização de adultos de 61%. O município também detém o melhor índice de expectativa de vida ao nascer, de 64,6 anos.

O fato é que se pode facilmente perceber o envolvimento de uma parcela significativa da população em diferentes atividades culturais, como banda marcial, grupos de teatro, de jovens

e de artesãos. Parte do trabalho com artesanato foi incentivado pelo NUPPO - Núcleo de Pesquisa e Documentação da Cultura Popular, criado na década de 50 por iniciativa da Universidade Federal da Paraíba e conhecido ainda hoje como Centro de Artesanato. Desde essa época esta instituição forma centenas de artesãos nos mais diferentes ofícios, ao promover cursos e ateliês de pintura, tecelagem, vidro, crochê e, de modo mais específico, na área dos bordados, o que deu origem a uma tradição artesanal típica do município.

A IMPLANTAÇÃO DO PROJETO

Em junho de 2001 técnicos do PROGRAMA ARTESANATO SOLIDÁRIO e do SEBRAE/PB fizeram a primeira viagem para identificar localidades onde seriam implantados projetos de fomento ao artesanato de tradição para geração de renda na Paraíba. Cinco meses depois, numa segunda visita, realizada pelo consultor Fernando Augusto Gonçalves e pela técnica do SEBRAE/PB, Maísa Duarte de Melo, Alagoa Nova passou a integrar o Programa de acordo com os seguintes critérios:

- existência de uma tradição do bordado no município;
- qualidade artesanal do bordado ali produzido;
- parceria conquistada junto à Prefeitura Municipal, no sentido de disponibilizar a infra-estrutura de transporte e cessão de espaço na sede do NUPPO para funcionamento do projeto;
- e, finalmente, potencial existente para transformar Alagoa Nova num centro de excelência do bordado brasileiro.

O Projeto de Alagoa Nova não se configura como um trabalho de resgate de uma expressão artesanal em extinção. As ações a serem desenvolvidas contribuiriam antes para fortalecer uma

técnica já praticada por várias artesãs com habilidade e domínio dos variados pontos do bordado do que para revitalizá-la, evitando o seu desaparecimento.

Some-se a isso o fato de já existir comercialização dos produtos, sobretudo de conjuntos de enxovais para recém-nascidos, confeccionados em cambraia Nova América. Ao longo dos anos, esse produto tornou-se a peça mais conhecida e comercializada pelas bordadeiras do lugar.

GRUPO

O grupo de bordadeiras de Alagoa Nova é constituído exclusivamente por senhoras, em sua maioria mães de família

que querem contribuir para o orçamento familiar. Hoje também buscam independência financeira e um reconhecimento maior na comunidade.

No levantamento inicial constatou-se a existência de bordadeiras que já exerciam o ofício nos distritos de Bacupari, Gameleira, Cipó e na própria sede do município. Eram cerca de 30 bordadeiras.

No primeiro momento, tratou-se de seleccionar, dentre as 50 pessoas inscritas, um grupo mais consistente, em torno de 35 pessoas, o qual desse a base de sustentação do Projeto. Após algumas reuniões e acatando uma indicação feita pela coordenadora do Centro, contratamos a Mestra Suzete



Galdino que, durante mais de seis meses, veio a ser a orientadora de todo o grupo.

No perfil do grupo é marcante o fato de mais de 60% das bordadeiras estarem integradas ao Projeto desde o início. Atualmente ele é formado por 24 bordadeiras que, juntas, são mães de 50 filhos. A maior parte delas reside na zona urbana.

FASES E TRAJETÓRIAS

A maioria das artesãs, tanto as iniciantes como as mais experientes, reconhece ter sido fundamental o processo de transmissão de saberes, vivenciado de maneira mais intensa entre fevereiro e julho de 2002. O domínio do ofício abrange técnicas de difícil assimilação e requer bom tempo de prática, até que se alcance a qualidade necessária para a inserção dos produtos no mercado.

No decorrer do Projeto “Bordados de Alagoa Nova” o grupo de artesãs passou por fases distintas, especialmente no que se refere à qualidade dos produtos.

Na etapa inicial foi produzido um primeiro mostruário de identificação dos diferentes pontos, num esquema de produção livre, advindo dos conhecimentos acumulados e destituído da preocupação de gerar produtos para venda. A elaboração do mostruário serviu de instrumento para avaliar as habilidades e experiências de cada uma. Nesse momento não existia, por exemplo, uma preocupação cromática, tampouco havia sido feita uma pesquisa sobre os tecidos a serem utilizados, ou mesmo sobre o risco e o acabamento das peças.

Numa segunda etapa iniciou-se a feitura de produtos ainda com base nos conhecimentos existentes e sob orientação da mestra.

Foram produzidas pequenas passadeiras de mesa, panos de bandeja e de móveis, excetuando as roupas de bebê, cuja produção já era difundida e comercializada por várias bordadeiras e comerciantes. Os riscos seguiam o desenho tradicional baseado em pequenos floreios, com bainhas matameadas.

Decorridos alguns meses do trabalho, chegou-se a uma nova etapa, na qual ganhou espaço a discussão sobre a questão cromática, a harmonia de cores, a qualidade dos tecidos e os acabamentos. Exemplos retirados de livros, textos e fotos revelaram bordados diferentes daqueles até então feitos pelo grupo, servindo para plantar sementes de curiosidade nas artesãs sobre seus próprios trabalhos. Os produtos melhoraram de qualidade em diversos aspectos, sem contudo terem atingido um nível de execução profissional, pois neles ainda predominavam as bainhas com matames.

Naturalmente, o grupo chegou ao quarto estágio: foi quando se iniciou a produção de bainhas abertas, com os matames



praticamente abolidos. Criou-se uma linha de produtos que reúne harmonia de cores, alta qualidade dos tecidos, bainhas abertas, obediência aos padrões de medidas internacionais e acabamentos diferenciados. Jogos americanos e passadeiras de mesa tornaram-se os principais produtos do grupo. Foram elaborados novos riscos e um controle de qualidade perfeitamente integrado ao cotidiano do grupo.

A INTERVENÇÃO

A intervenção teve como base o estudo das técnicas artesanais características do lugar; sobre essas técnicas, e sempre as tendo como referência orientadora, foram propostas algumas alterações com vistas à criação de novos produtos. O principal enfoque foi gerar maior comprometimento do produto com a identidade cultural do grupo, além, é claro, de se buscar ampliar os espaços de venda no mercado.

Como ponto de partida desse processo está a identificação dos pontos praticados pelas bordadeiras, assim denominados: *atrás, fantasia, pena, sombra, americano, rococó, caseado, simples, crivo, matame, contado, miosótis, pingue-pongue, matiz e meio-ponto*.

O gradativo domínio desses pontos deu origem a um acervo de técnicas e habilidades no grupo capaz de fazê-lo produzir bordados de qualidade e requinte.

A pesquisa feita a partir dos riscos tradicionais resultou em outros riscos, novas formas e harmonias cromáticas. Esse processo pode ser constatado na própria evolução dos produtos, que se tornaram um dos melhores bordados produzidos no País. Os registros fotográficos ilustram essa evolução.

Intervenções surgem de maneira processual e respeitosa, estabelecendo cumplicidades e empatias; são ações sempre determinadas pela compreensão do processo das trocas, que gera atitudes de apropriação ocasionadas pela própria intervenção. Ocorrências foram simultaneamente absorvidas e apropriadas, num procedimento que bebe na fonte da tradição e, ao mesmo tempo, busca a contemporaneidade.

Neste aspecto, vale lembrar o depoimento da arquiteta Janete Costa:

"Havia um homem que fazia umas cortinas de bolinhas pintadas de cerâmica com detalhes (...) fazia aquilo para sobreviver, e eu disse: 'Ao invés disso aqui, vamos botar aquele pratinho ali que melhora. Ao invés de fazer com 1,00 m, vamos fazer com 2,20 m, porque é a altura de uma porta, quem sabe a gente não pode fazer' (...) Voltei lá. Conversando com ele, ele não percebeu que eu tinha mudado alguma coisa, ele se apropriou de tal maneira, que eu entrei no anonimato e ele virou artista (...) se eu posso, por um pequeno detalhe, fazer com que uma peça de R\$ 5,00 passe a valer R\$ 50,00, faço isso".

(em: *Artesanato, produção e mercado: uma via de mão dupla*, PROGRAMA ARTESANATO SOLIDÁRIO, São Paulo 2002, pág.46/47)

OS PRODUTOS

Exemplo de produto representativo da segunda fase do trabalho: pano de bandeja em linhão, risco pobre em composição, bainha matameada, cromatismo sem harmonia. (Ver foto 1)

Terceira etapa do processo: pano de bandeja em linho rami, risco com composição mais harmoniosa, cromatismo mais elaborado e permanência das bainhas de matame. (Ver foto 2)

Expressão da quarta fase do trabalho, representada por dois jogos americanos, em linho panamá, com nítida preocupação cromática, riscos com composições elaboradas, uso de



1



2

bainhas abertas, adoção de padrões e medidas internacionais e esmerado acabamento. (Ver fotos 3 e 4)

O FUTURO

O grupo tem grandes possibilidades de consolidar suas atividades e, com mais algum tempo, seguir o seu próprio caminho. O nível de maturidade e organização atesta solidez e aspirações de sucesso. Ao mesmo tempo, o grupo segue uma tra-

jetória de fortalecimento, no sentido de alcançar sustentabilidade e uma melhor inserção de seus produtos no mercado consumidor.

Os próximos passos do trabalho serão importantes para dar suporte ao grupo, à constituição da Associação e à orientação para o uso de novos tecidos e linhas, novos padrões de riscos. A linha de produtos de mesa de Alagoa Nova, criada graças a um esforço de pesquisa e de estudo coletivo das

06/2001

Diagnóstico dos municípios

11/2001

Visita ao município e convênio com SEBRAE/PB

12/2001

Identificação da mestra, seleção de artesãs e convênio com NUPPO/UFPB e Prefeitura

02/2002

Início do Projeto

02/2002

Início das oficinas de Repasse do Saber



3



4

artesãs com a equipe de técnicos do PROGRAMA ARTESANATO SOLIDÁRIO, atingiu requinte e qualidade. Isto impõe ao grupo e ao Programa um trabalho contínuo de descoberta e abertura de nichos de mercado cada vez mais sofisticados, os quais estão sendo conquistados pela Central ArteSol – uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (Oscip) sem finalidade lucrativa que complementa as ações do Programa à medida que comercializa os produtos dos núcleos a ele

ligados, como Alagoa Nova, Esperança, Itabaiana, Pitimbu e Salgado de São Félix.

Enfim, nada substitui a beleza e a sofisticação das rendas e dos bordados. Eles sobrevivem há séculos e, por certo, continuarão a existir tanto nas mesas e salas das casas abastadas como nas casas humildes de rendeiras e bordadeiras que, com orgulho, expõem o resultado do talento de suas mãos.

07/2002

Criação do catálogo de combinações cromáticas e da linha de produtos de mesa

07/2002

Participação na Feira Nacional em Negócios de Artesanato – FENNEART, Recife/PE

11/2002

Primeira grande venda de produtos do grupo (Central ArteSol - SP)

12/2002

O grupo conta com 24 artesãs



Esperança Bonecas de pano

AGRICULTURA DE SUBSISTÊNCIA · 28.166 HABITANTES · ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO: 0,632

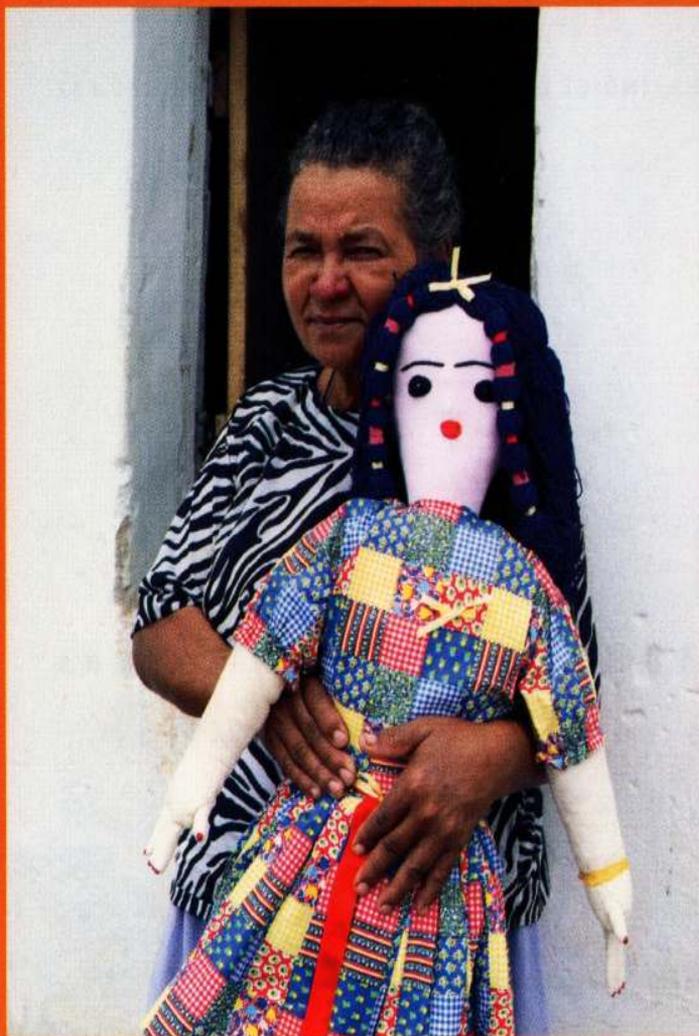
42 artesãos

36 mulheres e 6 homens
entre 16 e 78 anos

210 pessoas beneficiadas
 $\frac{1}{2}$ a **2** salários mínimos de renda média familiar

Parceiros: SEBRAE/PB · Prefeitura Municipal de Esperança · Secretaria Municipal de Educação

ESPERANÇA: A BONECA DO AGRESTE



Mestra Socorro da Conceição

Maria do Socorro tem 63 anos e nasceu no sítio de Riacho Fundo, zona rural de Esperança, numa família de 11 filhos. Todos trabalhavam na roça e apenas seis freqüentaram a escola. Socorro aprendeu com uma tia a fazer bonecas, mas tinha que esconder a atividade proibida pelo pai.

“Tenho cadência desde os sete anos para fazer bonecas.”

“Primeiro, eu fazia para brincar. Depois, numa grande seca, dei as bonecas

para uma mulher vender em Esperança, o que aconteceu por um período de 30 anos.”

Os índios Cariris chamaram o povoado de Esperança de Banabuiê, 'pântano das borboletas'. Em 1925 o lugar conquistou emancipação política, desmembrando-se do município de Alagoa Nova.

Situado a 158km de João Pessoa, no agreste da Borborema, o município de Esperança compõe-se de 18 pequenas comunidades rurais conhecidas como sítios. Em 1948, no sítio de Cruzeta, foi construída uma igreja em pagamento a uma promessa de um morador. Em 1950, após forte chuva que impediu o acesso ao sítio, os moradores trocaram o nome de Cruzeta para Riacho Fundo.

Hoje, no sítio de Riacho Fundo, onde vivem cerca de 300 pessoas. O lugar possui uma escola municipal, uma Associação dos Trabalhadores Rurais e um posto de saúde. É seco e desmatado, onde predomina uma agricultura de

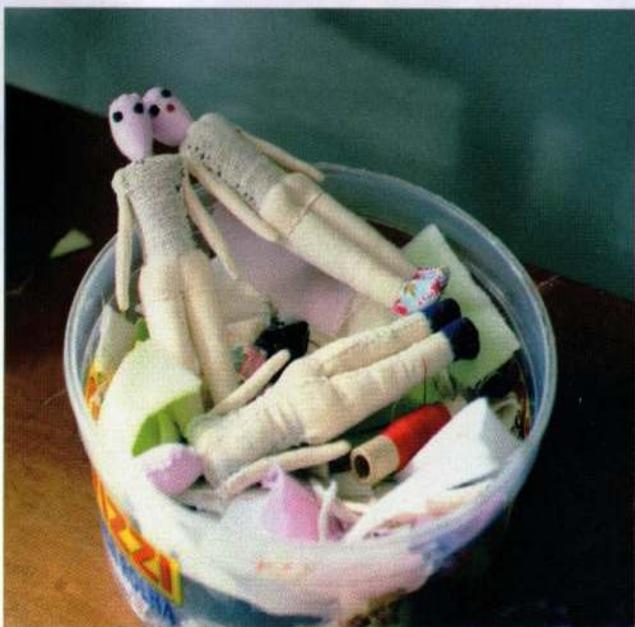
subsistência com base no feijão, batata, milho, fava, macaxeira e mandioca.

AS PESSOAS

Os habitantes de Esperança, onde a expectativa de vida ao nascer é de 64 anos, têm olhar tímido e desconfiado, o que esconde seu caráter hospitaleiro e solidário.

A IMPLANTAÇÃO DO PROJETO

"A Boneca Esperança tornou-se uma referência para o artesanato paraibano, com os trabalhos desenvolvidos não só no resgate do fazer artesanal como também, e principalmente, no desenvolvimento humano e social. O crescimento das pessoas envolvidas é ponto importante que não deve deixar de se trabalhar. Este sucesso se deve aos esforços em conjunto de uma parceria com o comprometimento no desenvolvimento de pessoas, e não só na geração de renda". Maisa Duarte de Melo, SEBRAE/PB





Nos anos de 1998 e 1999 a seca foi muito grande no agreste paraibano e em outras regiões do Estado, o que agravou a falta de trabalho. A pouca lida no roçado era “de alugado”, por R\$ 5,00 o dia. Tal a realidade do Sítio de Riacho Fundo quando o PROGRAMA ARTESANATO SOLIDÁRIO iniciou o Projeto “Esperança: a boneca do agreste”.

O primeiro contato com Mestre Socorro aconteceu em 1999. Ela morava com os irmãos Aderita e Duda. Sua vida se resumia a trabalhar no roçado e fazer bonecas, ofício ao qual se dedica há 30 anos. Após longo período de conversas e entendimentos, Socorro aceitou repassar aos moradores locais seu saber sobre a feitura de bonecas.

A partir de então formou-se um grupo, composto no início por pessoas mais próximas, membros da própria família de Socorro: sobrinhas, irmãs e cunhadas que demonstraram interesse e habilidade para o trabalho manual.

DESENVOLVIMENTO DO TRABALHO

“No decorrer das atividades, deparamos com situações interessantes e ricas para a memória do Projeto. Com a Boneca Esperança, houve uma identificação pessoal imediata, pois minha mãe, na sua infância, como moradora de Esperança, sempre desejou e pediu ao pai para brincar com uma boneca de pano que era vendida na feira. Nunca chegou a possuir uma por falta de dinheiro, e hoje ela sempre que pode manda retalhos de tecidos e aviamentos para a Associação. Com certeza, ela hoje tem na sua casa uma linda boneca Esperança, da Mestre Socorro da Conceição”. Maísa Duarte de Melo, SEBRAE/PB

As bonecas apareceram, ainda disformes, e logo foram aprimoradas com os ensinamentos da mestra. À medida que as encomendas chegavam, o número de participantes crescia, e

com ele eram vislumbrados os primeiros resultados de geração de renda, o que entusiasmava a todos. Entre cestas cheias de retalhos, fios, linhas e enfeites, mestra e aprendizes iam produzindo as bonecas numa escala cada vez maior. Não seguiam modelos: apenas medidas e acabamentos eram respeitados, pois foram estabelecidos em consenso. Tudo o mais é fruto da imaginação, somado à orientação da mestra.

PERFIL DO GRUPO, FASES E TRAJETÓRIA

Inicialmente restrito à rede de parentesco da Mestre Socorro, o grupo aos poucos agregou outras pessoas. A parceria de primeira hora da Prefeitura permitiu a instalação da Casa da Boneca Esperança em um espaço cedido pela administração local. Com o tempo, o grupo ampliado passou a se reunir às tardes para fazer bonecas, reservando a manhã para o trabalho no roçado ou na própria casa, atividades também realizadas pela maioria das mulheres. O processo de trabalho já estava organizado, com um local de uso coletivo e certa regularidade na dedicação a este fazer artesanal.

Os homens se inseriram no grupo de duas maneiras: os mais jovens, sobrinhos da Mestre Socorro, passaram a ajudar na confecção das partes mais simples da boneca – pernas e braços ou enchimento do corpo. Antes era quase uma brincadeira, um fazer de todo dia. Como a relação tinha caráter familiar, os homens também contribuíam nos afazeres da casa e, quando não estavam na escola, enchiam bonecas para ajudar a tia.

A participação dos homens – maridos ou irmãos – na produção artesanal passou a acontecer com maior frequência

quando eles perceberam que a oportunidade de ganhar dinheiro com essa atividade é mais regular do que o trabalho esporádico, "de alugado".

Olavo, marido da artesã Núbia, foi o primeiro a assumir a atividade e a participar ativamente das oficinas e da Associação. Hoje, ele e Núbia vivem e sustentam as filhas com a venda da boneca Esperança.

Jair, observando as irmãs Sônia e Sueli, exímias bonequeiras, aprendeu a fazer boneca e só produz noivas. Na época, ele

estava para casar, e talvez isso explique sua predileção por noivas. Hoje já casado, ensina a mulher a fazer bonecas, pois é deste ofício que vem a renda mensal da família.

OS PRODUTOS

Os produtos ganharam repercussão, gerando uma demanda cada vez maior. Com isso, a boneca Esperança conquistou um lugar de destaque dentre todos os demais produtos de artesanato de tradição revitalizados pelo PROGRAMA ARTESANATO SOLIDÁRIO.



04/1999
Identificação da mestra

09/1999
Reunião com a Comissão de Apoio ao Programa de Artesanato e parceria com SEBRAE/PB

02/2000
Início do Projeto

02/2000
Parceria com a Ong Programa de Aplicação de Tecnologias Apropriadas às Comunidades - PATAC

03/2000
Parceria com a Prefeitura de Esperança - Secretaria de Educação

03/2000
I Seminário de Brinquedos em João Pessoa/PB

A criatividade, norteadora de todo esse processo, deu origem a produtos variados. Assim nascem bonecas pequenas e grandes, negras, loiras e ruivas, solteiras e noivas, grávidas ou compondo uma família. Também são feitos bonecos: em par, noivos e solteiros, brancos e negros. A questão de gênero apresenta-se de maneira lúdica e sutil, na própria criação dos produtos. Aos bonecos e bonecas são agregados diversos adereços, como bolsas, chapéus de palha usados para trabalhar na roça e uniformes de escola. Nas bonecas não pode faltar o esmalte vermelho nas unhas, elemento de composição considerado imprescindível, denotando vaidade feminina e auto-estima de suas criadoras.

O FUTURO

Hoje cada artesão tem uma história para contar sobre a chegada e o desenvolvimento do Projeto "Esperança: a boneca do agreste". Quase todas remetem à melhoria da qualidade de vida, ao reconhecimento e ao aumento da auto-estima, conquistados pelas bonequeiras e bonequeiros de Riacho Fundo.

07/2000

Exposição na Sala do Artista Popular no Museu de Folclore Edison Carneiro / FUNARTE - RJ

08/2000

Inauguração da Casa da Boneca Esperança em parceria com a Prefeitura Municipal

12/2002

O grupo conta com 42 artesãos

"A parceria do SEBRAE COM O PROGRAMA ARTESANATO SOLIDÁRIO mostrou que, quando as instituições estão conscientes do seu papel no contexto da sociedade, trabalham em sintonia, respeitando as peculiaridades de cada uma e tendo a capacidade operacional indispensável à transformação de idéias em ações, é possível a mudança das estruturas e promoção da verdadeira justiça social. Esta parceria distingue-se das demais pelo absoluto respeito e entendimento entre os parceiros: todos eram iguais. Nela, esteve sempre presente o sentido verdadeiro da parceria como a soma generosa de vontades. Presentes ainda os princípios da participação das comunidades envolvidas nos projetos, a transparência das ações e um raro senso de eficácia econômica e respeito pelo dinheiro público. Pode ser tomada como exemplo para novos trabalhos, pois conseguimos através dela dar muito mais do que imaginávamos possuir inicialmente. Os resultados falam mais do que mil palavras."

Arlindo Almeida

Superintendente do SEBRAE/PB até 2002



Itabaiana Caminhões de brinquedo

AGRICULTURA DE SUBSISTÊNCIA · 26.248 HABITANTES · ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO: 0,612

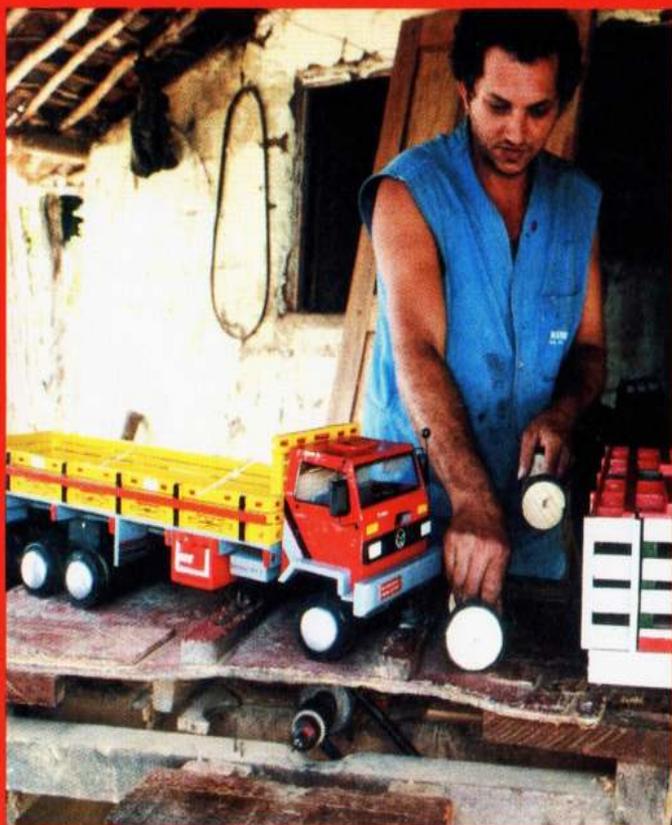
12
12 artesãos entre 18 e 40 anos

60
60 pessoas beneficiadas
1 a 2 salários mínimos de renda média familiar

Parceiros: SEBRAE/PB · Prefeitura Municipal de Itabaiana



NAS RODAS DE ITABAIANA



Mestre Joeude Carneiro de Souza

Joeude tem 40 anos e faz brinquedos desde os oito. Nasceu no sítio Maracaípe, filho de uma família de seis irmãos, onde apenas ele tem “o dom para o artesanato”, como declara orgulhoso. Dois anos depois de casar, mudou-se para o sítio de Lagoa do Rancho, onde se estabeleceu. O desejo de brincar sempre esteve presente na vida de Joeude. Filho de família pobre e com infância difícil, quase lhe foi negado o direito de brincar. Por isso, já adulto e sem saciar seu desejo, inspirou-se no encantamento que lhe causava o tráfego constante de caminhões da feira de Itabaiana e da estrada que passa diante de sua casa. Joeude decidiu ganhar a vida criando brinquedos, especialmente caminhões.

“Eu vou sair para ganhar meu pão. Tudo que eu tenho depende de minha arte e de meu caminhão.”

Em tupi-guarani, *ita* denomina 'pedra' e *baiana*, 'dança'. 'Pedra que dança': esse nome refere-se a uma pedra vermelha no leito do rio Paraíba, a qual balançava em movimentos rotativos, como se dançasse. O povoado tem sua origem em meados do século XVIII com a fundação da missão de Pilar pelos padres jesuítas. Em 1891 Itabaiana, também considerada Rainha do Vale da Paraíba, conquistou sua emancipação política do município de Pilar.

A 78km de João Pessoa, no Baixo Paraíba, Itabaiana tem 26.248 habitantes, dos quais a grande maioria reside na área urbana e apenas 5.931 permanecem na zona rural.

A feira de Mangaio, às terças-feiras, é o principal atrativo da cidade e ponto de confluência dos moradores da região para a compra de hortifrutigranjeiros, carnes, tecidos e artesanato, fazendo do comércio a principal atividade do lugar.

AS PESSOAS

A aparência arredia e desconfiada, peculiar às populações dos pequenos sítios que compõem a região, repete-se com intensidade maior entre os moradores do sítio Lagoa do Rancho. No início, nisto residiu a principal dificuldade para formar o grupo de trabalho. Devido à especificidade da técnica artesanal do Projeto, seus integrantes são todos homens e têm fama de desunidos. Por outro lado, a sazonalidade da agricultura contribuiu para agregar e desagregar, inúmeras vezes, os participantes do Projeto. Os homens, em geral, tendem a abandonar a atividade artesanal para buscar oportu-



nidades na lavoura nos períodos de chuva. Outro aspecto que não pode ser desconsiderado é a falta de reconhecimento das pessoas do lugar pelo trabalho desses artesãos.

A IMPLANTAÇÃO DO PROJETO

Em janeiro de 1999 a consultora Macao Goes visitava a feira de Itabaiana – uma das melhores do interior da Paraíba e atração da região –, quando deparou, numa barraca, com um caminhão de carga, inteiramente artesanal, de feitura detalhada e forte colorido. Deste encontro fortuito deu-se início uma pesquisa informal entre os feirantes para descobrir o autor daquela peça que tanto havia despertado o seu interesse. Depois de muitas informações desconstruídas, descobriu-se que o caminhão havia sido feito pelo artesão Joeude, morador do Sítio de Lagoa do Rancho.

A partir desse dia seguiram-se várias visitas e longas conversas com o Mestre Joeude no intuito de trazê-lo para um projeto no qual ele repassaria seu saber a jovens aprendizes. A oficina ficava nos fundos de sua casa e, como era pequena, foi improvisado

um espaço embaixo de uma mangueira. Assim começou o trabalho. Depois de alguns meses, 17 aprendizes – jovens e adultos – já produziam carros e caminhões sob a orientação do mestre.

DESENVOLVIMENTO DO TRABALHO

A primeira grande dificuldade, como já foi dito, foi formar o grupo. Joeude se acostumara a trabalhar sozinho e não se sentia à vontade para ensinar e liderar. A segunda dizia respeito às características da região do semi-árido, onde os homens sempre retornam para o trabalho no roçado quando não têm êxito na venda de seus brinquedos. Certamente, esse fluxo gerava certa inconstância no grupo.

PERFIL DO GRUPO, FASES E TRAJETÓRIA

O universo do Mestre Joeude é povoado de carros, estradas, buzinas e cargas. Nesse lugar lúdico e fantasioso, os brinquedos ganham vida e a eles se soma um valor simbólico que em muito ultrapassa seu valor artesanal. Talvez nisto resida a grande dificuldade do mestre: uma coisa era repassar o saber sobre a técnica; outra, era fazer os aprendizes incorporarem o valor simbólico que ele, Mestre Joeude, imprime a cada peça.

Outra etapa do processo voltou-se para a descoberta das habilidades individuais nas diversas fases do fazer artesanal. Os mais inexperientes iniciavam-se na pintura, no recorte de moldes, no lixar das peças e, finalmente, na montagem das carrocerias; os mais criativos, como é caso do artesão João, criavam novos modelos a partir de referências de seu cotidiano, como, por exemplo, o trator e o caminhão papa-cana. Além disso, o trabalho com a madeira e a sucata exige o uso de

serras e outras máquinas elétricas, o que naturalmente acarreta uma preocupação constante em relação aos mais jovens.

A INTERVENÇÃO

A intervenção nos produtos limitou-se à orientação dos aprendizes sobre os cuidados com as superfícies cortantes ou pontiagudas. Isto serviu para evitar acidentes e tentar aproximar os produtos das normas regulamentares da produção de brinquedos para crianças.

“Neste aspecto, o brinquedo popular também se diferencia de algumas exigências que regem o brinquedo industrial, e esta adequação foi sendo feita sem alterar o uso de materiais ou interferir na criatividade do artesão e na de seus aprendizes.” Macao Goes, consultora do PROGRAMA ARTESANATO SOLIDÁRIO.

“A iniciativa de criação do Projeto ‘Brinquedos do Agreste Paraibano’ é uma demonstração da crença no potencial local existente e oferece oportunidade para a população auferir uma complementação de renda e aprimorar a qualificação técnica dos trabalhadores, valorizando-os como seres humanos e cidadãos.” Edjair Siqueira Alves, SEBRAE.



OS PRODUTOS

Utilizando materiais simples como sucata e restos de madeira, o grupo deu partida à produção de tratores e de diversos tipos de caminhão, como o de carga, o boiadeiro e o papa-cana. O processo de confecção do caminhão é cuidadoso e lento – cada peça tem suas medidas e acabamentos próprios.

O grupo passa a ter domínio sobre este variado universo de peças que, quando ordenadas e trabalhadas, formam um brinquedo. Martelos, parafusos, serras, lixas, tintas, restos de madeira e sucatas diversas dão forma aos produtos. Já os restos de câmaras de ar, antenas de tevê, plásticos diversos, caixas de frutas, cacos de espelhos, latas de óleo e de refrigerante, quando reciclados, são insumos fundamentais para a composição dos detalhes, a fim de distinguir cada brinquedo. Ao longo do Projeto, as oficinas de melhoria e acabamento dos produtos promovidas pelo PROGRAMA ARTESANATO SOLIDÁRIO contribuem para aperfeiçoar o fazer dos aprendizes. Atualmente o grupo constrói oito diferentes modelos em variados tamanhos, o que con-

trasta com os dois únicos modelos anteriormente produzidos pelo Mestre Joeude.

O FUTURO

A seca perdurou, mas a certeza de uma fonte alternativa de renda estimulou o grupo. Hoje os caminhões são vendidos na Central ArteSol, em São Paulo, em feiras municipais e regionais, postos de gasolina, beiras da estrada e eventos promovidos pelos parceiros do Projeto.

As mudanças na vida dos artesãos são, à primeira vista, pequenas, porém substanciais. Como diz João, artesão local, “sinto prazer em fazer caminhões de diversos modelos. Ganho dinheiro... Já comprei uma TV em cores, comida e roupa para a família.”

O grupo de artesãos de Itabaiana caminha de acordo com o clima da região e mantém-se produzindo. Os caminhões e tratores continuam sendo vendidos e encomendados, levando escritos nos seus pára-choques filosofias de muitos brasileiros: “Vou com Deus e os carinhos teus.”
“Estamos no mundo a passeio.”

04/1999
Identificação do mestre

09/1999
Reunião com a Comissão de Apoio ao Programa de Artesanato e parceria com SEBRAE/PB

02/2000
Início do Projeto

02/2000
Parceria com a Ong PATAC

03/2000
I Seminário de Brinquedos em João Pessoa

07/2000
Exposição na Sala do Artista Popular no Museu de Folclore Edison Carneiro / FUNARTE - RJ

04/2001
Inauguração da Oficina dos Artesãos de Lagoa do Rancho em parceria com a Prefeitura Municipal



Pitimbu

Trançados de fibra de coqueiro

AGRICULTURA DE SUBSISTÊNCIA · 13.927 HABITANTES · ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO: 0,594

30 artesãos

28 mulheres e 2 homens

entre 17 e 58 anos

150 pessoas beneficiadas com
até $\frac{1}{2}$ salário mínimo de renda média familiar

Parceiros: SEBRAE/PB · Universidade Federal da Paraíba · Prefeitura Municipal de Pitimbu

TRANÇADOS DE PITIMBU



Mestra Zefinha

Há três décadas uma jovem chamada Maria José do Nascimento (Zefinha) aprendeu a arte do trançado ao observar o trabalho de Dona Joana, artesã já falecida de Cabedelo, cidade portuária da Grande João Pessoa. Desde então dedicou-se à produção de pequenas cestas e outros objetos de “fácil” elaboração. Passados vários anos neste ofício, Zefinha percebeu em seu próprio quintal a inspiração para a obra que a tornaria uma mestra-artesã: a galinha!

“Não é difícil ensinar o pessoal. Tá difícil assim porque, agora, eu, depois de velha, perdi um pouquinho da paciência. Agora, com tudo tranquilo, tudo conversado direitinho, eu tenho paciência. A gente anda o dia todo, não é Penha?

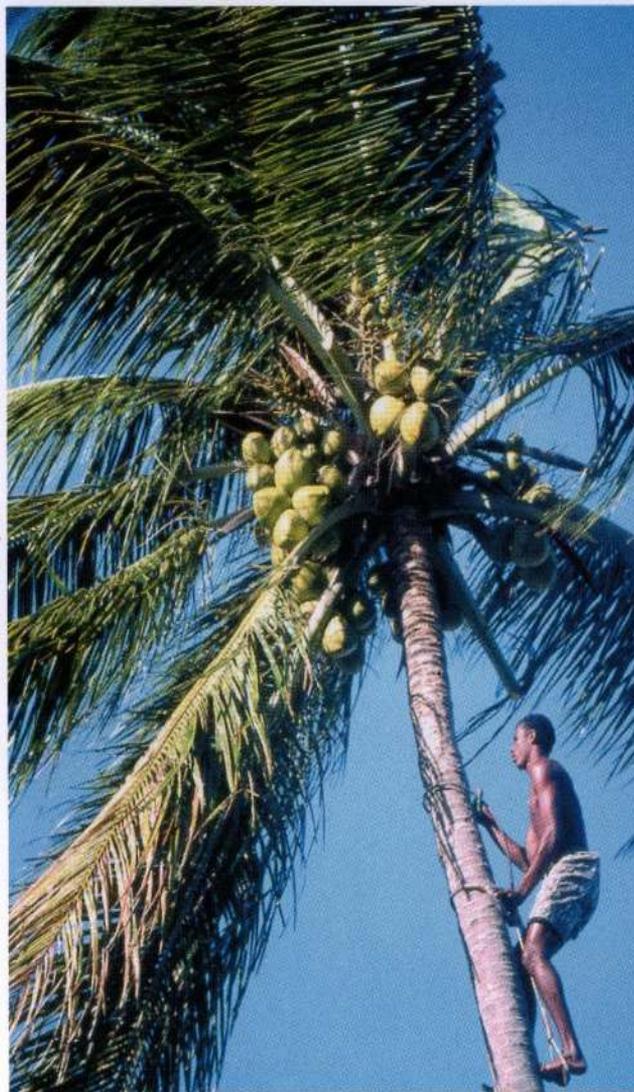
Mas a gente aguenta.”

Faltavam poucos dias para encerrar o mês de abril de 1500 e, após algumas semanas de uma longa viagem, finalmente aportou-se em terra firme. Um lugar lindo! Praia paradisíaca, fauna e flora deslumbrantes, além de um povo acolhedor e hospitaleiro! Eram os europeus chegando ao Brasil, diretamente em Pitimbu! Ops! Pitimbu?!....

Pitimbu é um desses lugares criados em momento de inspiração. Com exceção da ausência do Monte Pascoal e de algumas centenas de quilômetros mais ao sul da costa brasileira, nada haveria de surpreendente se este fosse o lugar "descoberto" pelos portugueses.

Em meados dos 1500, quando D. João III fez a doação da Capitania de Itamaracá em Pernambuco, a região de Pitimbu estava inserida nela. Em 1867, passou a fazer parte do Estado da Paraíba. Quatro anos depois foi elevada à categoria de vila do município de Alhandra, e somente em 1961 conquistou sua emancipação política.

Pitimbu, que na língua indígena significa 'Olho d'Água do Fumo', já foi chamada Porto dos Franceses, pois os comerciantes daquele país aportavam seus navios para fazer o comércio de pau-brasil com os índios Tabajaras e Potiguares. Situada no litoral sul da Paraíba e encravada na Zona da Mata, Pitimbu tem a maior e a mais bela orla da Paraíba. Faz fronteira com o vizinho Estado de Pernambuco e dista apenas 64 km da capital de João Pessoa. Hoje Pitimbu atrai centenas de turistas e veranistas, especialmente pernambucanos, que



lotam a cidade no verão em busca de sossego, frutos-do-mar deliciosos e praias de tirar o fôlego.

AS PESSOAS

Nosso Senhor do Bonfim, padroeiro da cidade, é festejado em janeiro pelos seus quase 14 mil habitantes, dentre os quais há uma pequena predominância de moradores que vivem na zona urbana, representando 57% da população.

As pessoas são, em sua maioria, mestiças. O índio deixou sua marca nos hábitos arraigados do uso da rede, do pitar (fumar), do plantio da mandioca e da pesca. O negro contribuiu com as danças, a estética e a culinária.

A alegria e o sossego das pessoas contrastam com os lamentáveis indicadores sociais do município. A taxa de alfabetização de

adultos fica em torno de 60%, e seu IDH-M o coloca na 4.784ª posição, dentre os 5.506 municípios brasileiros. Pitimbu tem uma qualidade de vida comparável à da Namíbia, com a expectativa de vida ao nascer de 61 anos e uma renda per capita de R\$ 82,45, ou seja, cerca de 1/3 do salário mínimo. Nada disso, porém, abala a confiança e a alegria do povo praieiro de Pitimbu.

A IMPLANTAÇÃO DO PROJETO

O ovo ou a galinha? O Projeto “Trançados de Pitimbu” foi iniciado com uma galinha! Foi ela que desencadeou todo o processo de implantação do Projeto, além de ser este o motivo da descoberta da Mestra Zefinha e das potencialidades de difusão da técnica do trançado com fibra de coco para a comunidade de Pitimbu.

A matéria-prima é abundante. Pitimbu é um grande coqueiral, e a técnica consiste em desfibrar o talo da folha do coqueiro, denominado “cangaço”, dele retirando centenas de fios com os quais são feitos os trançados.

No seu casebre quase em ruínas, Zefinha, aos poucos, foi sendo conquistada para darmos início ao trabalho. Feitas as articulações de parceria com a prefeitura local, foi realizada, em novembro de 2001, a primeira oficina de repasse do saber, da qual participaram mulheres residentes na sede do município e em distritos mais distantes.

A prefeitura tinha se comprometido com o aluguel da sede para o Projeto; de fato, em abril do ano seguinte o grupo obteve o espaço prometido. Antes, o Projeto havia-se abrigado em vários locais da cidade, o que constituiu um obstáculo para a realização das oficinas e a própria continuidade do grupo.



FASES E PERFIL DO GRUPO

No início, Zefinha ensinou pacientemente 20 mulheres a criar peças a partir de um “fiozinho” que se esconde dentro da palha do coqueiro. Era novembro de 2002 e o entusiasmo das mulheres não foi além do primeiro verão... Ocorre que em dezembro, a cidade é “invadida” por turistas, e mais da metade do grupo desistiu do Projeto, optando pela prestação de serviços domésticos nas casas dos veranistas. O grupo quase se desfez, mas o episódio serviu como desafio para a equipe técnica e as artesãs remanescentes. Era necessário mobilizar novas pessoas para dar continuidade ao Projeto. Começou então uma nova campanha de divulgação. Mais do que nunca, urgia assegurar a permanência das pessoas para que o processo pudesse fluir e fazer com que o repasse da técnica fosse eficaz.

“Eu estava na escola, né? Quando eu vi o carro de som, que passou anunciando, eu me interessei. E falei com o rapaz do meu assentamento pra ir até Pitimbu. Falei com a professora, Dona Zefinha, arrumei mais pessoas no assentamento e começamos a trabalhar aqui a fibra de coco.”
Dona Neves, artesã do assentamento Apazza do Abiaí.

Já com sede própria e devidamente instalado, o Projeto entrou numa segunda fase do grupo, composto por 21 artesãs, sendo metade mulheres de pescadores de Pitimbu e metade mulheres de agricultores da zona rural do assentamento denominado Apazza do Abiaí.

Nesse momento, o mostruário dos vários pontos utilizados estava concluído. Zefinha ensinara o *passa-fita*, o *xis* e o *trançado comum*, principais pontos com os quais trançava leques, cestos, bandejas e outros artefatos que serviram

como base para o aprendizado do grupo e para a criação da linha de frutos tropicais.

Hoje o grupo é formado por 30 artesãos – 28 mulheres e dois homens; 14 moram na zona rural e 16 na sede do município. Juntos, têm 71 filhos e um sem-número de netos. No grupo, duas famílias ocupam posição de destaque: a família Pereira, que participa com 5 membros, e a família Cruz, com 3, além da filha adolescente que já auxilia as irmãs na confecção das peças.

A INTERVENÇÃO E OS PRODUTOS

Numa terra de natureza tão exuberante, foi dela que veio a inspiração para a primeira intervenção na linha de produtos.

Os pequenos cestos até então feitos pela mestra eram encon-



trados em toda parte, em diferentes versões de fibras e técnicas. Então, como dar uma identidade aos produtos de Pitimbu? Como torná-los especiais e únicos? Enfim, como estabelecer uma identidade que diferenciasse o trabalho deste grupo de tantos outros que também produzem trançados em fibras?

"Quando cheguei com Macao e Maisa em Pitimbu, onde a Zefinha fazia as galinhas, constatei que eram lindas. Mas eu dizia: 'Pra que servem essas galinhas?' 'Ah, pra botar umas coisinhas aí dentro...' Eu dizia: 'Mas tá danado!... só isso...?'" (Fernando Augusto Gonçalves, em: *Artesanato, produção e mercado: uma via de mão dupla*, PROGRAMA ARTESANATO SOLIDARIO, São Paulo 2002, pág. 53)

Assim começou o processo de intervenção: com a criação dos puxadores em forma de frutos para as tampas dos cestos. Bananas e cajus em miniatura foram trançados e colocados no topo das peças para facilitar a abertura dos cestos. O resultado surpreendeu pela originalidade e beleza.

"Aí fomos, fomos indo, daqui a pouco eu dizia assim: O que a gente poderia fazer além da galinha? Elas respondiam: Nada. Mas não pode fazer nada além dessa galinha? Que galinha miserável! ... Por que a gente não faz frutas? Vamos ver... Olha os cajus daqui, aqui tá cheio de cajus, jabuticabas, abacaxis, mangas, bananas, de tudo! Por que a gente não tenta imitar essa natureza que está circundando a gente? E elas: Ai, será?... Mas a gente não consegue, não... Vai, tenta! Começaram a fazer e as frutas estão aí para se ver..." (Id. *Ibidem*, pág.53)

Se é possível fazer uma banana ou um caju em miniatura, por que não fazer uma banana, um caju ou qualquer outra fruta, em tamanho natural, independente da cesta? A confusão se instalou. Reações contrárias das artesãs! "É muito difícil!", diziam umas. "É impossível!", esbravejavam outras. As mais pessimistas resmungavam: "Eu é que não vou fazer estas coisas." Entre desconfiança e pessimismo, foi criada a primeira linha de produtos do Projeto: os frutos tropicais trançados a partir da fibra do cangaço dos coqueirais de Pitimbu.

Alguns meses depois, o projeto entrou em sua terceira fase. Todas as artesãs já dominavam a técnica de confecção das frutas. Como eram um sucesso, as artesãs adquiriram autoconfiança e houve um aumento efetivo na renda mensal de cada uma.

Era preciso ampliar a linha de produtos e a intervenção novamente foi feita a partir dos elementos da natureza de Pitimbu. Desta vez, as flores tropicais serviram de base para o novo processo. Os lamentos e contrariedades ecoaram mais uma vez: "...Não vai dar certo... é muito difícil!... vai ficar feio... nunca que eu vou conseguir fazer isso...", diziam quase em coro. Até mesmo Dona Zefinha duvidava que isso fosse possível. Contudo, sentia-se no ambiente um certo ar de falsa modestia. Afinal quem fez as frutas podia perfeitamente fazer as

06/2001
Diagnóstico dos municípios

09/2001
Identificação da mestra

11/2001
Convênio com SEBRAE/PB e Prefeitura

11/2001
Início do Projeto

11/2001
Seleção de artesãs e início das oficinas de Repasse do Saber

02/2002
Criação da linha de frutos tropicais



flores. E gradativamente foram aparecendo as flores dos jardins e quintais de Pitimbu: girassóis, helicônias, espirradeiras, copos-de-leite, beneditas, papoulas, dalias e antúrios. Nasceu, assim, a segunda linha de produtos.

O FUTURO

Atualmente o grupo está sendo capacitado para efetivamente viver da venda dos produtos de trançado e conquistar sua autonomia até o término das ações previstas pelo PROGRAMA ARTESANATO SOLIDÁRIO em Pitimbu. A organização das artesãs em torno de práticas associativas parece a forma mais coerente de promover a sustentabilidade do grupo.

O grupo já atingiu um volume de vendas que garante uma renda média de 1/2 salário mínimo por mês para cada artesã.

Um esforço concentrado na busca de novos mercados para

estes produtos pode, certamente, elevar a renda média para 1 ou mais salários mínimos. Pode parecer pouco, mas a renda média local é de menos de 1/2 salário mínimo. A equipe do Programa continua trabalhando para ampliar a visibilidade destes produtos e abrir, ainda mais, os canais de comercialização. Os frutos e as flores tropicais feitos em Pitimbu são únicos, e isto é o que tem garantido uma boa aceitação no mercado.

03/2002

Novo processo de mobilização de aprendizizes

04/2002

Inauguração da sede

05/2002

Integração de novos aprendizizes (zona rural)

06/2002

Criação da linha de flores tropicais

07/2002

Participação na FENNEART, Recife/PE (1ª grande venda de produtos do grupo)

12/2002

O grupo conta com 30 artesãs



Prato
ILET DE SALGAO DE SÃO FELIX
Salgado de São Félix - Paraíba



Salgado de São Félix Bordado Filé

AGRICULTURA DE SUBSISTÊNCIA · 12.046 HABITANTES · ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO: 0,552

16 artesãs
entre 16 e 40 anos

80 pessoas beneficiadas

$\frac{1}{2}$ a **1** salário mínimo de renda média familiar

Parceiros: SEBRAE/PB · Prefeitura Municipal de Salgado de São Félix



FILET DE SALGADO DE SÃO FÉLIX

Mestras Vivi e Maria Regina

Durante muitos anos, foram estas irmãs sexagenárias as principais responsáveis pela produção e pelo ensino do trabalho em filé no município. Maria, a terceira irmã, de idade mais avançada, também é reconhecida como uma grande mestra do filé. As três fazem parte de uma tradição familiar de repasse desta técnica artesanal. Ensinada por sua mãe e suas avós, esse saber se mantém por mais de um século, apesar de se encontrar em vias de desaparecimento na Paraíba. Vivi, Maria Regina e Maria moram na casa onde viveram com seus pais, de onde nunca saíram e onde receberam educação de sua época e condição.



A 90 km de João Pessoa e próximo à fronteira com Pernambuco localiza-se Salgado de São Félix, perdida na poeira da região. Em meados do século XVIII padres jesuítas fundaram uma missão, que teve como padroeiro São Félix Cantalice, cuja imagem foi trazida por missionários italianos alguns anos depois. A vila foi então denominada Salgado de São Félix, nome que associa a saturada concentração de sal encontrada nos riachos da região ao santo padroeiro.

Salgado de São Félix situa-se na região agro-pastoril do Baixo Rio Paraíba, em pleno agreste paraibano. Emancipou-se politicamente de Itabaiana há 41 anos, mas ainda mantém forte dependência deste município, que sedia a maior feira livre da região e possui um comércio bastante dinâmico. É possível que a vocação comercial de Itabaiana tenha inibido o desenvolvimento de alguns setores, especialmente o de comércio e o de pequenos serviços.

AS PESSOAS

Em Salgado de São Félix a impressão é de que o tempo não passou. Seus cerca de 12 mil habitantes também parecem expressar tal estagnação.

Quase 60% da população reside na zona rural e dedica-se a atividades agro-pastoris. Na zona urbana as pessoas não têm pressa; reúnem-se para conversar nas calçadas todos os finais de tarde; o tempo parece não contar. Os homens, na sua maioria, migram em busca de um futuro. As mulheres perma-

necem sozinhas, viúvas ou solteiras, como é o caso das irmãs Vivi e Maria Regina, sexagenárias e mestras do Projeto.

Dentre os 5.506 municípios brasileiros, Salgado classifica-se entre os 220 mais pobres do país. O índice de expectativa de vida ao nascer é de 58,5 anos e o Índice de Desenvolvimento Humano o equipara ao Zimbábue, na África, um dos mais países mais pobres do mundo.

A IMPLANTAÇÃO DO PROJETO

Entre dezenas de municípios paraibanos visitados por técnicos do PROGRAMA ARTESANATO SOLIDÁRIO e do SEBRAE/PB, Salgado de São Félix chamou a atenção por ter sido, nas primeiras décadas do





44

século XX, um pólo produtor do bordado filé, uma expressão de artesanato tradicional que, aos poucos, com a própria decadência do município, foi deixando de ser praticada, até quase desaparecer. Durante a realização do diagnóstico aconteceu o encontro com Vivi e Maria Regina, mestras artesãs da técnica do filé. A memória e as histórias contadas pelas mestras contribuíram para a decisão de implantar um projeto de resgate deste saber em vias de desaparecimento, quase esquecido pelos mais velhos e praticamente desconhecido dos mais jovens.

Aos poucos, o trabalho de sensibilização das irmãs-mestras acerca do valor e da importância dessa prática artesanal na cidade deu lugar a conversas sobre a possibilidade de resgatá-la, e mais: isso poderia resultar num processo de geração de renda no município. Buscava-se, assim, resgatar um saber tradicional mediante a transmissão de um ofício a mulheres agricultoras e a jovens da cidade, desprovidas de qualquer habilidade que lhes permitisse uma melhoria de renda.

Vivi e Maria Regina aos poucos foram se entusiasmando com o Projeto; em outubro de 2001, elas assumiram a responsabili-

de de mobilizar as mulheres e as jovens interessadas em participar. Nesse mesmo mês aconteceu a primeira reunião na qual as artesãs foram informadas sobre os objetivos, a metodologia e os critérios de participação nesta ação do PROGRAMA ARTESANATO SOLIDARIO em Salgado de São Félix.

DESENVOLVIMENTO DO TRABALHO

A primeira etapa das atividades foi dedicada à transmissão do conhecimento da técnica do filé para as aprendizes. As oficinas de Repasse do Saber começaram em novembro do mesmo ano, e desde então passaram a funcionar diariamente no período da tarde. Nesse mesmo dia as mulheres receberam a primeira parte da matéria-prima e material necessários para as atividades. Vivi e Maria Regina contavam, nesse momento, com 16 aprendizes, todas ansiosas para aprender um ofício que lhes permitisse trilhar novos caminhos.

A primeira tarefa foi confeccionar a malha ou rede, pois é a partir dela que todo o bordado de filé é executado. Nessa hora é que se percebe o rigoroso controle de qualidade exercido pelas mestras. Uma malha mal feita com células disformes, tamanhos inadequados ou formato desproporcional, compromete o trabalho de qualquer fileteira.

Uma vez apreendida a técnica de elaboração da malha, tem início uma etapa mais complexa: o domínio do repertório de pontos que compõem o bordado filé: *crisântemo, suspiro, labirinto, tostão, corrente, puçá, estrela e miudinho*.

Esta etapa foi fundamental, pois a criação de peças está diretamente ligada à capacidade que a artesã tem de mesclar os diferentes pontos existentes de forma harmoniosa e artística. Eviden-

ciou-se neste momento a importância de se conhecer as escalas cromáticas, sem que o resultado estético final de cada peça fique prejudicado. Apesar dessa exigência, nesta fase inicial o trabalho seguiu a escolha espontânea das cores, deixando o aprendizado sobre o seu uso para um momento posterior, quando se passaria a intervir no cromatismo dos produtos.

As artesãs dedicaram-se à produção de um mostruário de pequenas peças, o qual basicamente indicava e definia os diferentes pontos do filé. Algumas artesãs mais ousadas arriscaram e criaram peças decorativas ou utilitárias, já combinando dois ou mais pontos. Estava finalmente deflagrado o processo de resgate da arte do filé e, com ele, a tentativa de impedir o seu desaparecimento do solo paraibano.

Sob este aspecto, é importante destacar uma curiosidade conceitual. A denominação “renda filé”, embora seja de uso corrente das mestras Vivi e Maria Regina, não corresponde ao entendimento desta técnica nos meios letrados. É preciso estabelecer a diferença entre renda e bordado:

“Bordado é todo trabalho de ornamentação de um tecido (ou outro material) já existente, executado com fios têxteis, por meio de uma agulha. A ação de bordar é exercida, por meio da agulha, sobre algo que já existe, antes de se iniciar o bordado, e que lhe serve de suporte (...)”

(...) A renda é, toda ela, um tecido realizado à parte, embora, depois de feita, possa vir a ser aplicada noutro tecido. (...) os motivos do desenho são tecidos pela rendilheira, ao mesmo tempo que é tecido o fundo. O que distingue o bordado da renda é, portanto, apenas isto: a renda é um tecido e o bordado é um trabalho de ornamentação executado sobre um tecido já existente.

Parece óbvio, por conseguinte, que o ‘filet’ ou ‘rede de nó’ (...) se deve classificar como bordado e não como renda. O bordado executa-se, aqui, sobre uma rede, que constitui o seu tecido de suporte.” (Medeiros, Carlos (Org.), em: *Bordados e rendas nos bragais de entre Douro e Minho*, Programa de Artes e Ofícios Tradicionais – EMBFE, Lisboa 1994).

PERFIL DO GRUPO, FASES E TRAJETÓRIA

É possível identificar na constituição do grupo, formado exclusivamente por mulheres, duas fases que correspondem a perfis diferentes de artesãos.

O grupo da primeira fase é composto por artesãs residentes na zona rural, as quais participaram do projeto de outubro de 2001 a abril de 2002. Esse grupo, infelizmente, foi prejudicado por problemas de logística no transporte fornecido pela prefeitura. As falhas no transporte das artesãs da zona rural provocaram alto índice de evasão: das 27 artesãs inscritas, 20 não chegaram ao final desta fase. De qualquer forma, durante esse período ocorreu um sólido repasse do saber com as oficinas diárias realizadas na sede do Projeto. Ao final desta fase, ele contava apenas com sete artesãs, todas residentes na zona urbana e com idade em torno de 24 anos. A segunda fase do grupo teve início entre maio e dezembro de 2002, quando foi realizado novo trabalho de divulgação e mais 12 mulheres passaram a integrar o grupo. Com o ingresso dessas novas aprendizes, a oficina de repasse do saber passou a funcionar diariamente, sob orientação de mestra Vivi e posteriormente de Daguia, na sede do projeto.

Ao término desta etapa, 16 artesãs participavam do Projeto. O grupo apresentava uma divisão bastante equilibrada no que se refere à idade das artesãs. Praticamente a metade dele é composta por senhoras acima dos 30 anos, mães de família que buscam gerar renda para contribuir no orçamento familiar; a outra metade é formada por jovens com menos de 22 anos, quase todas estudantes, algumas com filhos, em busca de um ofício que lhes traga uma mudança de vida.



No decorrer do Projeto as artesãs se organizaram, de acordo com suas habilidades, seus talentos, para iniciar o processo de formação de uma associação capaz de criar condições para a autonomia do grupo. Com esse objetivo, foram realizadas oficinas de capacitação em diferentes áreas: Conceitos de Associativismo, Organização Social, Atuação em Redes Associativas, Relações Interpessoais, Criação de Produtos, Escalas e Padrões Cromáticos e Formação de Preços.

A INTERVENÇÃO

"(...) à medida que você dá um toque, a coisa explode. A questão é: quem faz isso? Como faz? De que maneira faz, através de que meios? Onde estão a ética e a honestidade da pessoa que faz aquilo? Então, a coisa situa-se muito mais no campo da ética profissional do que na intervenção em si (...)" (Fernando Augusto Gonçalves em: *Artesanato, produção e mercado: uma via de mão dupla*, PROGRAMA ARTESANATO SOLIDÁRIO, São Paulo, 2002, pág. 53)

Como se tratava de um processo de resgate, as primeiras ações foram: criar um mostruário de todos os pontos de filé; e criar composições baseadas na tradição guardada na memória das duas mestras.

A intervenção contou, num primeiro e breve momento, com a colaboração da designer Lenita Maia. Posteriormente todo o processo foi orientado pelo consultor do Projeto, Fernando Augusto Gonçalves. Até então, os produtos restringiam-se a passadeiras de mesas, bicos de toalhas, panos de bandeja e almofadas. Depois de um primeiro estudo, foram promovidas mudanças em duas dimensões:

- A primeira foi criar uma linha de produtos que presumivelmente poderiam ter maior apelo no mercado, como jogos americanos, blusas, roupas de praia, xales e *écharpes*.
- Numa segunda dimensão tratou-se de desenvolver o trabalho de composição dos pontos do filé e a sua relação com as

06/2001
Diagnóstico dos municípios

10/2001
Contratação das mestras

11/2001
Convênio com SEBRAE/PB e Prefeitura

11/2001
Início do Projeto

11/2001
Seleção de artesãs e início das oficinas de Repasse do Saber

03/2002
Novo processo de mobilização de aprendizes

cores. Nada adiantaria possuir produtos de alta qualidade e esmerado acabamento confeccionados em cores exageradas, sem qualquer preocupação com escala e harmonia cromática. Assim, as artesãs aprenderam a relacionar cor, composição e forma na criação de produtos até então nunca executados, nem mesmo pelas Mestras Vivi e Regina.

OS PRODUTOS

O Projeto "Filet de Salgado de São Félix" aliou o rigoroso padrão de qualidade exigido pelas mestras a novas formas e estudos de composição cromática de novos produtos. Com isso, o Projeto deu origem a uma produção única, diferente de outros pólos tradicionais de filé do País. Panos de bandeja, passadeiras de mesa, almofadas, jogos americanos, blusas, xales, *écharpes* são produtos que se destacam pela harmonia de cores, pela criatividade na mescla de diferentes pontos, pelo acabamento e pela mistura de modernidade e tradição.

O FUTURO

Os produtos de filé gerados no decorrer do Projeto enfrentam hoje uma difícil competição. O bordado de filé é encontrado em muitos lugares, sobretudo em Alagoas, por um

preço sensivelmente mais baixo que o bordado feito hoje em Salgado. Diferentes variáveis contribuem para que isso ocorra: preocupação menor com o acabamento e com a harmonia de cores, uso de insumos de menor qualidade, presença do atravessador e maior velocidade de produção. De qualquer forma, o Projeto marcou a diferença entre o filé de Salgado e os demais, especialmente no que diz respeito à qualidade e à originalidade na composição.

Paradoxalmente, estas conquistas não garantem a imediata aceitação dos produtos no mercado consumidor. Hoje, as pessoas em geral usam peças bordadas e rendadas muito raramente, em ocasiões especiais. A vida cotidiana nos centros urbanos impõe a praticidade, e as peças da casa devem se adequar ao uso indiscriminado da máquina de lavar. Quase nada mais se goma ou se engoma. Neste cenário, surge o desafio de encontrar nichos de consumo mais específico para produtos cuja qualidade e sofisticação se contrapõem à correria e praticidade do século XXI.

04/2002

Integração de novas aprendizes

04/2002

Inauguração da sede

07/2002

Participação na FENNEART, Recife/PE

11/2002

Primeira grande venda de produtos do grupo (Central ArteSol - SP)

12/2002

O grupo conta com 16 artesãs

Os dados estatísticos citados neste trabalho foram extraídos das seguintes fontes:

Andrade e Arantes Ltda

Perfil dos Artesãos

Estudo socioeconômico sobre a população participante do Programa Artesanato Solidário
Campinas, 2003

Instituto de Desenvolvimento Municipal e Estadual da Paraíba –IDEME

Anuário Estatístico da Paraíba
2000

Federação das Associações de Municípios da Paraíba–FAMUP
CD-ROM
2000

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE
Censo 2000

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais-INEP
2000

Atlas do Desenvolvimento Humano dos Municípios Brasileiros
Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento-PNUD
Fundação João Pinheiro-FJP
Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada-IPEA
Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE
2000

Série de Diagnóstico Sócio-Econômico
PRODER e SEBRAE
1998

FICHA TÉCNICA

Coordenação editorial

Luciana Aguiar

Fernando Augusto Gonçalves

Textos

Guilherme Delgado Moreira

Fernando Augusto Gonçalves

Macao Goes

Luciana Aguiar

Fotografia

Fernando Augusto Gonçalves (páginas 14 e 39a)

Rita Toledo (páginas 3, 21b, 24a, 28)

Roberta Guimarães (páginas 1b, 32, 34, 35a, 35b, 35c, 37, 39b, 39c)

Roberto Coura (páginas 1a, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 16a, 16b, 17a, 17b, 18, 19, 20, 21a, 22, 24b, 25, 26, 27, 29, 30, 33, 36, 39d, 40, 41, 42, 43, 44, 46a, 46b, 46c, 46d)

Revisão

Claudia Cavalcanti

Design gráfico

Shadow Design - Marcelo Menegolli

Agradecimentos

Arlindo Almeida

Arnaldo Monteiro Costa - Prefeito de Esperança

Antônio Carlos Rodrigues de Melo Júnior - Prefeito de Itabaiana

Hércules Antônio Pessoa Ribeiro - Prefeito de Pitimbu

Marcus Guedes - Diretor Superintendente do SEBRAE/PB

Ivaldo Moraes - Prefeito de Alagoa Nova

Nilton Marques Bezerra - Prefeito de Salgado de São Félix

Rosa Maria Barbosa - Coordenadora do NIPPO/UFPB em Alagoa Nova

Pré-impressão e impressão

Gráfica JB Ltda.(João Pessoa/PB)

A SCINCO HISTÓRIAS DO SABER deste livro destacam experiências de repasse do conhecimento entre pessoas de um lugar, ou melhor, de cinco lugares: Alagoa Nova, Esperança, Pitimbu, Itabaiana e Salgado de São Félix, todos na Paraíba. Mas seria pouco, e mesmo incorreto, se essas histórias fossem tratadas apenas como de transmissão de uma técnica, na qual se envolvem mestres e aprendizes. O livro também traz histórias de trocas de conhecimento e de recursos entre duas organizações parceiras: o Programa Artesanato Solidário e o Sebrae/PB. Juntos, nas experiências aqui relatadas, também tivemos nossa cota de aprendizados.

